

# A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.749

Quinta-feira, 7 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—rua da Atalaia, 114 e 115

A pátria, que mandou para a guerra milhares de homens, esquece-se, criminosamente, dos que de lá vieram estropiados e mutilados e hoje vivem na maior das misérias.

## OS INVÁLIDOS DA GUERRA CONDENADOS À FOME manifestaram ontem, em pleno parlamento, o seu revoltado protesto

Há longo tempo que os Inválidos da Guerra vêm reclamando do parlamento, em nome da situação económica em que vivem—situação afflita e insustentável. As suas reclamações são indiscutivelmente justas e a autoridade com que elas são formuladas não pode também sofrer contestação.

Não tem, o que parece, o parlamento desejo de pôr em dúvida as razões que os Inválidos da Guerra invocam para não continuá-lo, por mais tempo, morrendo de fome. E assim pensamos, porque o parlamento não tem mostrado o menor interesse pelo assunto.

Quais os Inválidos rebentem de fome—eis o que não importa. Mas, os Inválidos é que não estão dispostos a tolerar esse desprazer, a bem. Exasperaram-se, quando andaram, dia a dia, reclamando, quisi esmolando aquilo a que têm indeclinável direito.

O parlamento, então, pela sua indiferença, tinha-os condenado à morte. O mesmo parlamento que tem uma maioria composta pelo partido democrático—o famoso partido que lançou o grito para a guerra, pela vontade indiscutível e omnipotente do dr. Afonso Costa; o mesmo parlamento onde existem indivíduos que à sombra da guerra fizeram fortunas e conquistaram situações invejáveis.

O protesto dos Inválidos da Guerra foi aliás dum grito de exasperio, um grito heróico. Que esse grito seja escutado por todos os trabalhadores para que os advirta que a pátria não passa dum bando de exploradores que arroga ao direito de matar os explorados nas carniçadas e, ainda por cima, zombar da fome dos que sobreviveram.

Dr. Pedro Vallina

Na segunda página publicamos um anúncio para o qual chamamos a atenção dos nossos amigos e camaradas. Trata-se do méjico ilustre e nosso amigo, dr. Pedro Vallina, que foi director do Sanatório de Cantillana, Sevilha, o qual tendo fixado residência em Lisboa, rua Gomes Freire, 192-B, 2.º, onde poderá ser chamado a qualquer hora, abriu consultório na rua do Mondo, 94, 2.º, onde exercerá clínica, geral e sua especialidade, coragem e pulmões, em todos os dias úteis, das 14 às 16 horas.

Conhecendo de perto as excelentes qualidades do dr. Vallina, estamos certos que os doentes que ao mesmo tempo recorram, encontrão nele, não apenas o nome de ciência prática e sabedor, mas também o amigo carinhoso.

Os Inválidos da Guerra, eram antes de terem sido cuidados para a carência, criaturas entregues a trabalhos

Guilherme Lima

Passa hoje o 2.º aniversário do seu barbáro assassinato

Há dois anos, no dia de hoje, tinha-se iniciado a greve geral contra mais uma extorsão da Moagem—o aumento do preço.

A cidade tinha um movimento desusado, sendo raros os operários que trabalhavam. O entusiasmo era grande entre todos os trabalhadores.

Por sua vez as autoridades haviam tomado provisões energicas contra as vítimas dum companhia que nos sujeitava e nos rouba constantemente.

Pot todas as ruas se viam soldados e polícias armados ate os dentes, não consentindo que duas criaturas juntas estacionassem em qualquer parte.

Além das autoridades fardadas havia-as também à paisana que espionavam por todos os lados, realizaram festas por todos os lados, chamou-lhes os nomes mais sedutorios: heróis, sacrificados, etc. Contudo, as festas não tinham o condão de divertir-se não os que nelas tomavam parte e os elogios também não os puderam no abrigo dum misério cruciano.

O parlamento, então, pela sua indiferença, tinha-os condenado à morte. O mesmo parlamento que tem uma maioria composta pelo partido democrático—o famoso partido que lançou o grito para a guerra, pela vontade indiscutível e omnipotente do dr. Afonso Costa; o mesmo parlamento onde existem indivíduos que à sombra da guerra fizeram fortunas e conquistaram situações invejáveis.

O protesto dos Inválidos da Guerra foi aliás dum grito de exasperio, um grito heróico. Que esse grito seja escutado por todos os trabalhadores para que os advirta que a pátria não passa dum bando de exploradores que arroga ao direito de matar os explorados nas carniçadas e, ainda por cima, zombar da fome dos que sobreviveram.

Esse momento não pode esquecer aos que de perto presenciam o criminoso feito ou pelos que foram quasi testemunhas, pois nem a todos foi possível verificar qual dos dois policiais, Zeférino e Malhado, foi o assassino.

Passa hoje o 2.º aniversário desse barbáro assassinato e a lembrança de faz-nos recordar todos os numerosos crimes que as autoridades de então praticaram, não falando já nos anteriores

aqueles, têm praticado sobre trabalhadores, indefezes e que ficam impunes,

chegando até, para escárnio, a ser condecorados e louvados os criminosos, citando-os assim a cometem mais

atentados contra a vida dos que trabalham.

Foi uma vítima que baqueou para satisfação da Ordem e da Moagem, entendida esta que, apesar de tudo e com o apoio das autoridades e governantes, continua a roubar e a envenenar o povo,

contudo: Ladrão que rouba a ladrão...

Burlões e burlados...

Têm sido presos, nestes últimos dias,

vários indivíduos de nacionalidade estrangeira, como autores de burlas importantes.

Trata-se de escrocs, isto é,

de indivíduos que iançam mão de todos

os expedientes, para levarem, sem tra-

balhar, uma vida confortável, luxuosa,

origina.

O processo que eles têm empregado consiste em propor negócios promotores de lucros farrassos a muitos

escroços comerciantes que têm a ambição de acumularem rapidamente, for-

tunas sobre fortunas. E a sua ambição

desmedida, ou antes a sua absoluta de-

sonestedade, quem lhe faz perder algu-

mas dezenas de contos.

Não compreendemos apenas, por que

motivo os escrocs vão para a cadeia e

ficam em liberdade, na situação simpa-

tética de vítimas os burlados, quando éste

os foram, por terem precisamente a

mesma alma de escrocs.

Alada se, ao menos, se aplicasse o

ditado: Ladrão que rouba a ladrão...

## NO SUL E SUESTE

## O ministro do comércio visita àmanhã o Barreiro

Perceberá ele alguma coisa de questões ferroviárias?—O ministro confirma as medidas prejudiciais do administrador geral, que alega não haver verba, continuando, porém, a pagar-se trabalhos á «Vulcano» pelo dôbro do seu custo no Sul e Sueste.—O administrador geral está procedendo arbitrariamente.—Uma retenção de vagões que, por uma simples formalidade burocrática, ocasiona um prejuízo de 36 contos

A mais eloquente confirmação que o Ministro do Comércio podia fazer da campanha iniciada pela A Batalha, encontra-se na resposta dada à Comissão do pessoal, que realizou as démarches sobre o despedimento dos 95 operários das Oficinas Gerais. O Ministro limitou-se a confirmar a ordem do Administrador Geral, mantendo os despedimentos—porque não há verba para esse pessoal continuar ao serviço.

Espantoso. Formidavelmente espantoso. Despede-se pessoal por não haver verba e continuam os trabalhos na fábrica Vulcano por preços excessivamente muito mais elevados. A Administração não tem dinheiro para manter ao serviço o pessoal indispensável para garantir a produção e tem dinheiro para satisfazer os excessos da fábrica Vulcano.

Positivamente—os são doidos ou são criminosos. O Ministro do Comércio, o sr. Pires Monteiro, perante quem a questão foi posta com clareza e sem rodeios, não quis ouvir as razões apresentadas pelo pessoal.

Limitou a sua ação a ouvir o Administrador Geral e a reproduzir os argumentos por aquele apresentados. O Ministro do Comércio porém, ignora que o mesmo Administrador Geral já procedeu em parte, contrariamente ao que lhe afirmou, como vamos demonstrar.

O sr. Pinto Teixeira, foi para Tunes no dia 2 de

corrente, assistir à inauguração do posto médico que deve lograr no dia 3. Dessa viagem resultou o seguinte.

O Inspector de Tracção em Faro, quando se fez o despedimento do pessoal das oficinas, declarou telegraficamente não poder ali garantir a reparação das máquinas, visto que lhe ordenaram o despedimento de seis operários e pediu pessoal. Em Tunes, foi o caso exposto ao Administrador Geral e este, sem mais formalidades, manda readmitir os seis operários despedidos. Ora em Tunes, o sr. Pinto Teixeira, saltando por cima da Direcção e dos Chefes de Serviço, convencido de que o serviço não podia ser executado, mandou admitir seis dos operários despedidos. No Barreiro adopta critério em contrário—declara ao Ministro não o poder fazer, em relação aos restantes, quando o serviço nas Oficinas Gerais está sendo gravemente prejudicado, afectando o serviço de comboios.

No dia em que se produziu o despedimento dos 95 operários, uma máquina que devia sair nesse dia já repara sofreu um atraso de mais seis dias

Serviços que levariam apenas seis dias, estão levando dez e quinze, por falta de pessoal,

Os atrasos nas reparações são consideráveis e os prejuízos que daí resultam acumulam-se.

Contra este estado de coisas reclamam os mestres, os encarregados, os operários e o próprio chefe de serviço—que fez um extenso relatório sobre o assunto. Tudo porém são protestos em vão. O sr. Pinto Teixeira não quer atender às exigências do serviço o 6-ho indiferente que os Caminhos de Ferro porem por falta de máquinas.

Não há verba e isso é bastante para não se manter nas Oficinas Gerais o pessoal que lhe é indispensável ao seu movimento. Para a fábrica Vulcano continua a haver verba. Os trabalhos ali continuam a custar o dôbro, como hoje vamos com novos exemplos provar. Mas há verba, porque está inscrita.

Uma torneira de sangria:

No Sul e Sueste ..... 450.000

Na Vulcano ..... 900.000

Caixa de válvula automática em ferro fundido:

No Sul e Sueste ..... 700.000

Na Vulcano ..... 1.500.000

Estes dois exemplos, reunidos aos que já expusemos, são provas irrefutáveis que justificam a alegação do que o pessoal foi reduzido por não haver verba. Só nestas peças são absorvidos—na primeira mais 450.000 e na segunda mais 800.000 do que custariam no Sul e Sueste.

A propósito devemos esclarecer, que as citações que fazemos sobre as disparidades dos preços entre o Sul e Sueste e a fábrica Vulcano não podem servir de motivo a qualquer especulação por parte dos administradores da referida fábrica, para justificarem qualquer atitude que tomem para com o seu pessoal. Os lucros que a fábrica está obtendo com os trabalhos do Sul e Sueste são suficientes para garantirem a satisfação do pedido de aumento de salário feito pelos operários da fábrica. O contrario disto é especular ignobilmente com um facto que apenas visa a provar a péssima administração que existe na Sul e Sueste, demonstrando apenas que os trabalhos na indústria particular são mais caros do que nas oficinas do Sul e Sueste.

Se os administradores da fábrica Vulcano quisessem ser úteis ao seu pessoal teriam conseguido do Governo

que as máquinas do Sul e Sueste não fossem para a Alemanha e ficasssem em Portugal para serem reparadas. Bastava que secundassem as reclamações da Federação Metalúrgica nesse sentido apresentadas ao Governo.

\* \* \*

Amanhã deve visitar o Barreiro, o ministro do Comércio, que de visu vai conhecer as necessidades dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Será certamente acompanhado pelo Administrador Geral, Director, etc.

O sr. Pires Monteiro, vai ao Barreiro, mas acaba por não ver causa alguma.

As visitas ministeriais são absolutamente inúteis. Contudo, desejamos ver se os mestres das oficinas gerais, o inspector chefe, os chefes de serviço, em vez de expôrem ao ministro as dificuldades por nós apontadas, acabam por demonstrar que tudo caminha às mil maravilhas, acabando por fazerem uma figura de cobardes.

O sr. Pires Monteiro, que em assuntos ferroviários é leigo, como já o dissemos—reproduzindo a verdade—se quiser conhecer de visu o que se passa no sul e sueste não tem mais do que seguir a campanha agora iniciada, porque A Batalha, como órgão do proletariado está na posse de todos os elementos técnicos necessários para indicar ao público o que é a administração dos governantes burgueses.

Da visita ministerial que amanhã terá lugar no sul e sueste, veremos o que nos resta de prático. O sr. Pires Monteiro irá para o Barreiro apenas conhecendo o que A Batalha tem posto a ná. Estamos convencidos que partira do Barreiro conhecendo o mesmo. E só A Batalha poderá dizer ao ministro o que nenhum subordinado seu lhe dirá. Mas em todo o caso, faça-se o ministro acompanhar dos números d'A Batalha que tratam do sul e sueste, e averigue se ha o mais leve exagero no que temos afirmado.

Não ouça apenas os chefes de serviço, ouça também os operários.

\* \* \*

Ainda sobre as pontes, assunto tratado ontem, podemos acrescentar que a própria Ponte-Cais em ferro, que existe na estação do Barreiro, servida por dois guindastes eléctricos e que pela sua importância—pois é a ponte onde se faz a descarga do carvão e a carga de minérios, dos vagões directamente para os navios—deveria estar sempre em condições de manter o serviço.

## A RAZÃO DE SER INTERNACIONAL do Ensino e da Associação de Professores de Portugal

### E' necessário integrar a escola na vida e a consciência humana na consciência universal

Há um panorama mais belo do que o novo avanço da humanidade ultrapassando o velho mundo, a civilização e o progresso.

Se considerarmos a marcha do homem para a perfeição, não podemos comparar a sua evolução com a de outros seres.

As civilizações que separam as grandes fases da história humana, a cultura e a civilização.

As civilizações que separam as grandes fases da história humana, a cultura e a civilização.

As civilizações que separam as grandes fases da história humana, a cultura e a civilização.

As civilizações que separam as grandes fases da história humana, a cultura e a civilização.

As civilizações que separam as grandes fases da história humana, a cultura e a civilização.

As civilizações que separam as grandes fases da história humana, a cultura e a civilização.

As civilizações que separam as grandes fases da história humana, a cultura e a civilização.

As civilizações que separam as grandes fases da história humana, a cultura e a

## João Franco e os estudantes

Comentando uma das cartas de D. Carlos, João Franco redita seu livro aquela lenda de que o partido republicano e por ventura sociedades secretas tinham preparado o movimento que ficou conhecido pela designação de questão académica. Claro é que isto só serve para nos mostrar a mentalidade do ditador, que, como autêntico autoritário, não comprehende um movimento espontâneo de solidariedade. Não pode perceber-lhe sem lhe atribuir fins ocultos.

Ora a verdade é esta: os estudantes, em face duma injusta reprovação, protestaram ruidosamente. Reuniram em assemblea geral e resolveram manter o seu protesto no dia seguinte. Divergiram as opiniões. Uns queriam que se faltasse às aulas, durante 48 horas para poder alvejar todas as cadeiras. Outros, alegando que havia estudantes já com as faltas todas dadas, preferiam que se desse uma pataca aos lentes nas próprias aulas. E foi isto o que foi decidido.

A greve, a primeira vez que nela se pensou seria só uma greve momentânea, de protesto, e mesmo essa ideia foi posta de parte, ao que parecia. No dia seguinte apresentaram-se na Universidade os lenços para as primeiras aulas de Direito. Eram aulas de primeiro ano. Os caldeiros portaram-se como verdadeiros veteranos; apuraram os lentes e não entraram nas aulas.

Foi essa a lisea que inflamou aquela pólvora. Quando os primeiristas davam aquele exemplo o que deviam fazer os outros. Ninguém entrou nas aulas,

Se houvesse uma preparação tão natural que se tivesse tentado precisamente com os alunos do primeiro ano, vindos de terras diversas, chegados há pouco das liceus da província, sem terem em Coimbra vida social absolutamente nenhuma. Eles próprios se não combinaram e o seu acto foi instintivo, impulsivo, como são todos os gestos generosos da mocidade.

A seguir deram-se as expulsões. Foi o conselho dos lentes que fez o resto. A agitação dos estudantes foi a lógica consequência das violências que se exerceram contra os rapazes.

Foi indiscutivelmente a questão académica aproveitada pelos republicanos, no seu aspecto político. Mas isso é uma coisa diferente do que atribuir a estes a paternidade do movimento.

Além do que se disse no tempo

são definida pela ciência, está eloquente expressa na ideologia da corrente espiritual que acabamos de assinalar, — não pode desintegrar-se dessa corrente sem perder o sublime direito de educar. Note-se que dizemos que não pode desintegrar-se, porque não se compreende que figura estranha a ela, não se admitindo, sequer, que lhe seja contrário, como tantas vezes sucede.

## Os educadores devem caminhar na vanguarda social

Se o homem por instinto se une para vencer; se por instinto coopera; se pela cooperação espontânea e fragmentária criam maravilhas de progresso, — que sucederá no dia em que a cooperação for geral e consciente? Onde chegará o homem quando se unir de polo a polo para trazar e obrar os planos do seu futuro, impulsiona pelo felicidade e consumo e pelo aperfeiçoamento integral da espécie?

Eis a interrogation luminosa que vai na vanguarda do pensamento social.

Já sabemos a quem é especialmente dirigida esta pregunta, que é uma prece e um hino de fé:

— Os educadores!

Pois bem: — Os educadores respondem à vanguarda social com a fundação da International do Ensino.

A Associação de Professores de Portugal celebra humilde da International do Ensino, neste recanto apagado da Europa, responde aos anseios do Mundo com a voz débil mas fervorosa do seu 1º congresso.

A escola que é por essência da sua função um órgão de aperfeiçoamento, de valorização do homem, duma sociedade vivendo em bases irracional, a sua influência é mínima, nula ou prejudicial aos verdadeiros interesses da colectividade. Daqui resulta que a escola só atinge a plenitude da sua função numas sociedades bem organizadas, donde se conclui que, para o advento da escola livre, a luta social precede à luta pedagógica. A escola tem realizadas as condições necessárias à sua poderosa, é transcendente função de aperfeiçoamento social, quando recebe a influência de todos os factores do progresso, preservada de todas as ações nefastas aos superiores objectivos do ideal humano.

A escola é o laboratório onde livremente se formam as células que vão de constituir os órgãos livres e solidários do corpo social. A característica fundamental da uma sociedade bem constituída é a coordenação de todas as suas funções para o progresso do todo pelo livre progresso de cada uma. Assim a escola educará na liberdade e na solidariedade, no sentido da máxima perfeição do indivíduo e da espécie. Os órgãos da sociedade racional, são evolutivos. Não há estacionamento pelo dogma nem a morte pela estagnação. A escola é a evolução, a sublimação da Vida! A sua lei é o progresso contínuo do homem sobre si mesmo, progresso em frente e alto na expansão integral e máxima

## A BATALHA

# A lei do inquilinato

As Juntas de Freguesia de Lisboa e Porto estão descontentes com a atitude do Parlamento

### UM CONVITE AOS INQUILINOS

A convite do conselho central das Juntas de Freguesia reúnem-se ontem à noite no salão das comissões da Câmara Municipal os representantes das juntas de freguesia de Lisboa com a assistência dos delegados do Pórtio e da direcção da associação dos inquilinos. O sr. Valente de Almeida, presidente do conselho central, depois de expôr os fins da reunião, que era tratar da momentosa questão do inquilinato convocada para presidir a reunião o sr. Joaquim Gil, que por sua vez escolheu o secretariado os srs. Vasco Martins e António Augusto Cabral, respectivamente das juntas de Santa Isabel e Camões.

O sr. João Gonçalves, secretário do Conselho Central, declara que as Juntas de Lisboa têm como as do Pórtio cumprido o seu dever acerca da lei do inquilinato. Desejava, porém, saber o que sobre o assunto pensava a Federação das Juntas.

O sr. João Graça mostra a necessidade de se realizarem mais congressos de juntas de freguesia. Referiu-se à manifestação organizada pelas Juntas contra a carestia da vida e lamenta que o Parlamento não tenha dado ouvidos a essas reclamações. Protesta energicamente contra a exploração que alguns inquilinos fazem no aluguer do quartos.

O sr. Alfredo Guisado, diz que a Federação das Juntas pensava como as juntas em que a lei do inquilinato se impõe, sendo rapidamente aprovada na Câmara dos Deputados tal como o fôrno no Senado. Termina declarando que a Federação das Juntas da deputo o seu mandado perante o presidente do Ministério.

O sr. Lourenço Rodrigues da Silva, do Pórtio, diz que a comissão de que faz parte vem com poderes para estar em Lisboa mesmo que sejam 3 meses, e ter com as juntas de Lisboa entendimentos sobre a ação a seguir. Concluiu por propor que a assembleia se conservasse em sessão permanente e uma comissão seja junto do Parlamento procurar a aprovação da lei.

Depois de falarem os srs. Costa Santos, João Gonçalves, José Simões e Ilídio dos Santos que apresenta uma moção no sentido de se aguentar até ao dia 15 a aprovação da lei e no caso de o não ser a assembleia voltar a reunir para proceder energicamente. São aprovadas por aclamação a proposta do sr. Lourenço Rodrigues da Silva e a moção do sr. Sousa Neves.

A comissão a que se refere a proposta do sr. Rodrigues da Silva, ficou constituída por proposta do sr. José Simões, de um representante do Conselho Central, dos delegados das Juntas do Pórtio, srs. J. dos Santos Vizent, António Cardoso e Lourenço Rodrigues da Silva e pelos srs. Ilídio dos Santos e Joaquim Franco Júnior das Juntas de Freguesia de Lisboa.

A assembleia conserva-se pois em sessão permanente, continuando hoje os trabalhos pelas 21 horas.

A Comissão nomeada vai hoje ao Parlamento e convida o povo a comparecer ali para assistir à sessão às 16,30 horas.

### Aos assinantes da BATALHA

#### Eden Teatro

Teléfono N. 3800

TODAS AS NOITES, às 21,45

A mais esférica alegria com a incomparável revista

#### VIDA AIRADA

Exito formidável da

Companhia Otelo de Carvalho

O meio grosso, pelo pagavel

Gomes, da Trindade. — O compadre,

António Ribeiro, os fados da

dom e da Severa, os deuses

Fernandes. Outras peças de destaque

por Ema de Oliveira, Luísa Durão, Alfredo e José Silveira e muitas outras.

#### O Casamento do Zumba

Xá lá bae!..

com Otelo de Carvalho, Júlio de Asuncão e Artur Rodrigues

Bill Bailey em O MARINHEIRO

— RO AMERICANO —

Preços populares ao alcance de todos

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...</p



## A BATALHA

serve estes grous? cosidos na água! grous cosidos em água!

Vamos, patrono, sossega, para outra vez mandar-se-hão assar...

Vamos, conde Néroweg, disse Spatachario, todo o pecado tem remissão; para a outra vez das apresentar-nos um banquete mais delicado... e tua mulher presidirá a él.

E à fé de Leão de Poitiers, que não lhe aperta de mais os joelhos por baixo da meza:

Quando fôr esse banquete, Néroweg, acrescentou Imnachario, a-pesar-dos baldados olhares de Chram para pôr termo à insolência dos seus válidos, quando fôr esse banquete, tu não nos farás como hoje comer e beber em cobre e em estanho, ao passo que nos penteias os olhos fascinados a tua baixela de ouro e de prata no centro da meza..., fóra do alcance de mão... Dir-se-há que tu nos consideras gatunos.

Néroweg oferece a hospitalidade como lhe convém, replicou encorajado Sigeleido, um dos lendas do conde; os que comem a carne e bebem o vinho aqui... fazem mal em queixar-se das vasilhas e dos pratos...

Censuram-nos-hão acaso, a nós homens do rei, o que bebemos e comemos neste burgo?

Seria um audacioso reproche, porque eu já estava farto antes de ter tocado nestas grosseiras montanhas de comedimentos!

E seria também um insulto, exclamou outro dos convivas, Ora, insultos não os sofreremos nós, que pertencemos ao séquito real!

Julgam-se superiores, porque somos leudos de um conde? Nesse caso pôde-se então medir a distância que nos separa... medindo também o comprimento das espadas de uns e de outros...

Não são as espadas que devemos medir... é a coragem.

Visto isso, nós que somos os fieis de Néroweg, temos menos coragem do que vossos... E' um desafio que nos fazem?

Seja desafio, como dizem, rústicos...

Vale mais o rústico do que o guerreiro de coração esfeminado! Verão isso se quizerem...

Veremos isso... Seis contra seis... ou mais se lhes convém...

Convém-nos! Esta altercação, começada numa das extremidades da meza entre aqueles fracos soldados pelo vinho, não tinha principiado em tom muito elevado, mas acabou com um tal arrebentamento, que Chram, o bispo e o conde se apressaram em meter-se de permeio a fim de socegar os convivas; estes muito animados pelo vinho, orgulho e inveja, abrandaram a fúria, minguado seu, trocando entre si olhares provocantes e ferozes.

Karadeuk e o ursa, precedido do mordomo, estavam no limiar da sala do banquete quando se levantou esta discordia prontamente apasiguada. O mordomo, tendo-se aproximado de seu senhor, disse-lhe:

Senhor conde?

Que queres?

O pelotiqueiro, o ursa e o macaco estão ali.

Que é isso, conde, pois também cá tens ursos?

Chram, é um pelotiqueiro, que viajou acompanhado dos seus animais... Pensei que este divertimento te agradassem depois do banquete, e ordenei que trouxessem aqui o homem e o ursa.

Que venha, conde, que venha... Tu recebes-nos com verdadeira grandeza real!

A notícia deste divertimento, acolhida com alegria por todos os fracos, fê-los esquecer a disputa e os desafios; uns levantaram-se, outros subiram aos bancos para serem os primeiros a ver entrar o homem, o ursa e o macaco. Quando Karadeuk apareceu, gorgalhadas germânicas retinham estrondosamente na sala, não que o aspecto do velho Vagro desse motivo a elas; mas não se podia imaginar nada mais grotesco do que o amante da bispa disfarçado na pele do ursa; avançava pesadamente vestido o casaco de capuz, e parecia ofuscado com a luz das tochas, posto que aqueles

vinte archotes não lançassem senão uma claridade vacilante e duvidosa naquela imensa sala. Graças àquela luz pouco brillante, e ao amplo casacão em que o Vagro estava quase embrulhado, a sua aparência *urnina* era perfeita. De mais a mais, a fim de afastar os curiosos, Karadeuk, encurtando quanto pôde logo à sua entrada a corrente a que prendia o animal, exclamou:

Senhores, não se cheguem para o ursa, porque é feroz...

Pelotiqueiro, vigia bem o teu animal; se ele tem a desgraça de morder aqui alguém, manda-lo hei esquartelar e tu levarás à tua parte cinqüenta chibatas nas costas!

Senhor conde, tenha dô de mim, pobre velho, e que só tenho de meu estes animais para ganhar a vida... Já supliquei aos seus nobres e nobilíssimos hóspedes que não se chegassem para o pé do ursa...

Chega-te cá, que eu veja de mais perto esse divertido companheiro; ele não se atreveria, suponho eu, a empregar em mim as suas garras..., em mim, que sou filho do rei Clotário...

Oh! muito glorioso príncipe! disse Karadeuk no tom mais respeitoso, estes infelizes animais privados de inteligência, não podem distinguir os grandes e humildes!

Chega-te cá, mais perto ainda...

Tome cuidado..., muito glorioso rei, é menos perigoso ver de perto o macaco...; esse posso eu tirar da gaia!

Macacos... oh! eu sou pouco curioso dessa raça endiabrada, visto que tenho pagens... Ah! ah! ah! que alegre maganão de casaco... Olha, Imnachario, vê como ele está ofegante e como resmunga... parece o Leão de Poitiers em roupa de manhã quando o digno amigo passa uma noite a embriagar-se ou a violentar alguma mulher...

Que queres tu, Chram? eu considero perdidas todas as noites em que não sigo o teu exemplo.

Leão, tu és injusto...; eu fiz-me moderado e casto.

— Por esfalfamento..., ó rei púdico! ó rei sóbrio!

— Tem dô de mim em lugar de me acusares... Ah! pelotiqueiro, que faz o teu ursa?... habilidades?

— Se assim o mandares, glorioso rei, este animal escarranchar-se-há num pau, e ainda que preso a corrente, fal-o-hei galopar com graça em redor da sala. Vejamos isso...

Atenção, Monte-Dore!

— Como lhe chamas tu?

— Monte-Dore, glorioso rei...; chamo-lhe assim, porque oapanhei pequenino num dos picos do Monte-Dore.

— Já não me admira que o teu ursa seja feroz; nascem num dos mais célebres covis desses *Vagros* malditos! desses homens errantes, lóbos, cabeças de lóbos, que só buscam os rochedos, os bosques e as cavernas! Mas, tam verdade como termos mandado torturar hoje um dos tais *Vagros*, nós os exterminaremos a todos assim como Néroweg exterminou outro dia o bando que se tinha refugiado nos desfiladeiros de Allange!

— *Vagros*, glorioso rei! que o Todo-Poderoso nos livre de tais malditos! permita, enfim, que eu nunca os encontre senão dependurados na fôrca, como o único e último que vi, pelo menos assim espero, porque essa é uma terrível visão...

— E aonde viste tu o *Vagro* na fôrca, peliqueiro?

— Nas fronteiras do Limousin: tinham-lhe escrito na fôrca; «Este é o *Vagro* KARADEUK... Assim faramos aos seus iguais!»

— Karadeuk! velho bandido... que com o seu bando endiabrado por tanto tempo assolou o Auvergne e o Limousin...

— Saqueando os burgos e as casas episcopais! assassinando os fracos! e sublevando os escravos!...

— Digno exemplo seguido pelo bando de Ronan, outro cão damnado que há de ser supliciado amanhã.

**Calçado PACKARD**  
ABSOLUTAMENTE GARANTIDO  
Preço para todas as qualidades 95\$00  
DEPÓSITO DA FÁBRICA  
149, Rua Augusta, 149

**FERRAGENS E FERRAMENTAS**

Louças de ferro esmaltado e estanhado, zinco estanhado — Regulo de antimónio e mangueiras — Redes de arame — Bigornas, cavaletes, safras, tornos e engenhos de furar; foles, arames de bicos, etc. Cabo de arame e apetrechos marítimos  
**Cravo de ferrador**  
DESCONTO AOS REVENDORES  
**SERAFAIM & LOPEZ, Lda.**  
Rua de São Paulo, 43 a 47 — R. dos Remolares, 50 e 52  
TELEFONE CENTRAL 844

**Valério, Gópes & Ferreira, Lda.**  
FERRAGENS E FERRAMENTAS  
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para paralelepípedos, guardanapos móveis  
Chapa ferro preta e zincoada  
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.  
TELEFONE 3930, N.º 100, R. das FERRAGENS  
84, Rua do Amparo, 86 -- LISBOA

**Conselho Técnico da Construção Civil**

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2º

**Alfaiataria**

CAMPOS, PALMA, Lda.

Fazendas nacionais e estrangeiras. Bom corte e esmerado acabamento pelos últimos fígurinos.

FATOS A FEITIO DESDE 180\$00

Rua do Registo Civil, 9 A  
(AO INTENDENTE)

**Atenção**

QUEREMOS fatos bons e baratos. Ida à ruas do Benfomoso, 49, 1.º — Pimentel, ex-contramestre do Ateliê. Preço sem competição.

Madeiras de pinho SOALHOS, toros, fassis, barretos, etc., sempre em depósito. Recebem encomendas. Pregos de construção de todos os números. Pedir preços, à Empresa Industrial de Pregaria, Ltda, de Avelãs de Caminho — Anadia. Estação de Mongoforos.

Epingardaria DIANA  
João Ferreira Braga

Epingardas dos melhores fabricantes e todos os acessórios

Representante da ma "ELEPHANT"  
A única que mata a 100 metros

Grande depósito de sementes da antiga CASA VERSCHOORE

Estradinhas de Santa Justa, 96

**F. H. D'OLIVEIRA & C.ª L. da**

Casa fundada em 1895

Sede Social: Rua 24 de Julho, 148

Endereço telegráfico: MATERIAIS

Telefones C. 128 e C. 13 — LISBOA

Secção de Materiais de Construção, Madeiras para Construções, Marcenarias, Tancarias, etc.

Artigos sanitários: Bacias, Bidés, Autoclismos, Banheiras, Esquentadores, etc.

Artigos cerâmicos: Azulejos, Ladrilhos, Mosaicos, Tubos de barro e grés, Vasos, Pirâmides, etc.

Drogas, tintas, Agua-rás, Resina, Produtos Químicos, Enxofres, Sulfato de cobre, Carboretos, etc.

Papéis para embrulho, sacos, fio, papelão, etc.

Secção de Liégite para pavimentos e isolamento de tubos.

**ADUELAS ITALIANAS E AMERICANAS**

Rua 24 de Julho, 148 — Telefones 13 e 128 C.

Secção de Metais: Ferro em vigas, Barramentos, Cantoneiras, Tés, Arames, Chapas, Arcos, Ferro para fundição, Chumbo em barra e chapa, Zinco em barra e chapa, Estanho Cordeiro Bandeira, Antimónio, Alumínio, Carvão, etc.

Caixa Vasco da Gama, 34 — Telefone 2950

Secção de Ferragens e Ferramentas, Fechaduras, Machas, Pregos, Parafusos, Molas, Martelos, Formões, Plainas, Serrucas, Verumas, Louças de ferro esmaltado, Canivetes Facas, etc.

Rua do Comércio, 9 a 13 — Telefone 178 C.

Secção de Drogas e Produtos Químicos: Perfumarias, Alvalade, Cloreto de cal, Potassa, Carboreto, Grudes, Espumas, tintas, Secantes, Vernizes, Especialidades farmacêuticas, Quinino, Eter, Iodo, Bismuto, Iodeto, etc. Sabonetes, Essências, Essências para bebidas, etc.

Rua do Comércio, 1 a 5 — Telefone 178 C.

**Agência no Porto**

243, RUA DO ALMADA, 245

**Chapelaria A SOCIAL**

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mescias em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes extrangeiros

**GRANDE NOVIDADE**

Chapéu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa

**A SOCIAL**

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

**ESTABELECIMENTOS**

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.º Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 2.º A

2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegre, 56, 3.º B

**Fábrica de bonets**

Chapéu modelo Jaurés (Exclusivo)

**OURO, PRATA E JOIAS**

COMPRAM-SE POR ALTO PREÇO na Rua da Palma, 82

**PENSÃO MODELO**

Rua José Falcão, 21, 1.º (a Admirante Reis)

(A verdade!) Não há outra melhor!

Todos afirmam, óptima comida, açadea e farinha; quartos lindíssimos e bem mobilados; explêndida casa de banho.

Jantares ao económico com sopa, 8-10 pratos desde 7\$00. Recebe pensionistas, semanas, quinzenas e meses; óptimo local. Vêre e crer.